PARA ALÉM DA FERRAMENTA: UMA LEITURA CRÍTICA SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E FORMAÇÃO DOCENTE

BEYOND THE TOOL: A CRITICAL ANALYSIS OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND TEACHER EDUCATION

Cliceu Laibida
Universidade Tuiuti do Paraná
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-9284-8575

Resumo: A presente resenha analisa a coletânea “Inteligência Artificial + Educação: práticas pedagógicas do tempo presente”, organizada por Ediene do Amaral Ferreira e Eduardo Fofonca e publicada em 2025, fruto de uma parceria interinstitucional entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e da Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI). A obra reúne dezesseis capítulos elaborados por pesquisadores de diferentes níveis de formação, todos comprometidos com a investigação crítica da inserção da Inteligência Artificial (IA) nos processos educativos contemporâneos. A resenha examina os principais eixos temáticos da coletânea — formação docente, autoria pedagógica, escrita acadêmica, psicopedagogia, ética algorítmica e gestão democrática —, destacando a perspectiva crítica e humanizadora que atravessa os capítulos e os diferencia de abordagens meramente instrumentais. Conclui-se que a obra constitui contribuição relevante ao campo da Educação, ao oferecer um panorama abrangente e rigoroso das tensões, desafios e possibilidades que a IA impõe à prática pedagógica, sendo recomendada a educadores, pesquisadores e gestores interessados em compreender esse fenômeno em suas dimensões éticas, políticas e pedagógicas.
Palavras-chave: Inteligência artificial; Educação; Formação docente; Práticas pedagógicas; Ética algorítmica.

Abstract: This review analyzes the collection Inteligência Artificial + Educação: práticas pedagógicas do tempo presente [Artificial Intelligence + Education: pedagogical practices of the present time], organized by Ediene do Amaral Ferreira and Eduardo Fofonca and published in 2025, as a result of an interinstitutional partnership between the Graduate Programs in Education of Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) and Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI). The work brings together sixteen chapters written by researchers at different levels of academic formation, all committed to a critical investigation of the integration of Artificial Intelligence (AI) into contemporary educational processes. The review examines the main thematic axes of the collection — teacher education, pedagogical authorship, academic writing, psychopedagogy, algorithmic ethics, and democratic school management —, highlighting the critical and humanizing perspective that runs through the chapters and distinguishes them from merely instrumental approaches. It is concluded that the work represents a relevant contribution to the field of Education, offering a comprehensive and rigorous overview of the tensions, challenges, and possibilities that AI poses to pedagogical practice, being recommended to educators, researchers, and managers interested in understanding this phenomenon in its ethical, political, and pedagogical dimensions.
Keywords: Artificial intelligence; Education; Teacher education; Pedagogical practices; Algorithmic ethics.

A coletânea *Inteligência Artificial + Educação: práticas pedagógicas do tempo presente*, organizada por Ediene do Amaral Ferreira e Eduardo Fofonca, é resultado de uma parceria interinstitucional entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e da Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI). Publicada em 2025, a obra reúne capítulos elaborados por mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e docentes de ambas as instituições, todos mobilizados pelo propósito comum de investigar e problematizar a inserção da Inteligência Artificial (IA) nos processos educativos contemporâneos. A coletânea materializa os debates fomentados no percurso científico de um seminário interinstitucional que reuniu pesquisadores nacionais e internacionais, constituindo-se como um constructo analítico e reflexivo indispensável para pensar a educação no contexto atual.

A obra emerge de um Seminário Interinstitucional que funcionou como catalisador de inquietações científicas fundamentais: de que modo a IA ressignifica os métodos de pesquisa em educação? Quais são os novos contornos da ética na investigação com ferramentas de aprendizado de máquina? Como os algoritmos podem influenciar a formação científica de professores e suas práticas pedagógicas? São essas perguntas que perpassam os dezesseis capítulos da coletânea, conferindo-lhe unidade temática e coerência argumentativa. Os textos transitam por temas como prática pedagógica docente, psicopedagogia, formação de professores, escrita acadêmica, educação infantil, multiletramentos, ética algorítmica, privacidade e equidade digital.

A organização da obra reflete uma escolha editorial cuidadosa. Os capítulos iniciais estabelecem os marcos teóricos e conceituais que sustentam toda a discussão, ao passo que os subsequentes aprofundam dimensões específicas do uso da IA em contextos educativos variados. Essa progressão temática permite ao leitor construir gradualmente um repertório crítico sobre o tema, sem prescindir da profundidade analítica que cada capítulo exige. Embora a pluralidade de vozes seja um dos pontos fortes da coletânea, ela também exige

do leitor um esforço de síntese, uma vez que os referenciais teóricos e metodológicos variam significativamente entre os autores.

Um dos eixos estruturantes da obra é a formação docente frente aos desafios impostos pela IA. O capítulo de Glauciaglivian Erbs da Costa Fagundes e Juliana Guérios dedica-se a analisar o impacto disruptivo da IA na educação e a necessidade de reconfigurar a formação inicial e continuada de professores. As autoras partem da constatação de que muitos educadores se sentem despreparados para lidar com esses recursos, carecendo de conhecimentos técnicos, pedagógicos e éticos. A esse respeito, o texto dialoga com Freire (1996), lembrando que ensinar é um ato político que requer reflexão crítica sobre os meios utilizados no processo formativo. Nessa linha, as autoras recuperam Moran et al. (2000, p. 142), em trecho que evidencia a complexidade dessa transição:

> Para nós, professores, essa mudança de atitude não é fácil. Estamos acostumados e sentimo-nos seguros com o nosso papel de comunicar e transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr risco de ouvir uma pergunta para a qual no momento talvez não tenhamos resposta, e propor aos alunos que pesquisem juntos para buscarmos respostas, é um passo difícil. (Moran *et al*., 2000, p. 142)

A citação ilustra que a dificuldade do professor em renunciar ao papel de único detentor do saber não é um problema novo, mas se intensifica na era algorítmica, em que as ferramentas de IA parecem disputar com o docente a autoridade sobre o conhecimento. O capítulo propõe que a superação desse desafio passa por uma formação docente que articule competências técnicas, pedagógicas e éticas de forma integrada, e não fragmentada.

Outro eixo de grande relevância na coletânea diz respeito à autoria docente e à postura de curadoria crítica diante dos *outputs* produzidos pela IA generativa. O capítulo de Gissele Prette e Taiani Vicentini, que abre a coletânea, aborda com precisão os limites e possibilidades da IA na prática pedagógica cotidiana. As autoras sustentam que a autoria não se limita à produção de materiais didáticos, mas implica um posicionamento ético-estético e político

diante das tecnologias. Essa perspectiva é aprofundada ao longo de vários capítulos, que convergem para uma compreensão comum: a IA não é neutra, pois carrega visões de mundo, vieses e lógicas de poder que precisam ser reconhecidas e problematizadas pelos educadores. O desafio contemporâneo, conforme sintetizado na obra, não está em usar ou não usar a IA, mas em como, por quê, para quê e com quem utilizá-la.

A questão da escrita acadêmica na era da IA recebe tratamento detalhado no capítulo de Josililian Alberton, que adota uma perspectiva freiriana para refletir sobre o uso da IA na Educação Superior. A autora parte da compreensão de que a consciência crítica é condição indispensável para o uso responsável dessas ferramentas. Ao discutir as orientações relativas à escrita assistida por IA, o capítulo recupera Costa (2024) para distinguir usos legítimos e problemáticos:

> Usar a escrita assistida por IA para debater ideias; explorar novos tópicos e ideias com a escrita assistida por IA; usar a escrita assistida por IA para explorar possíveis contra-argumentos e pontos de vistas opostos; rever a escrita aceitando sugestões do assistente de IA de forma a fazer melhorias. Escrita gerada por IA: ludibriar no processo de escrita e pesquisa; gerar grandes blocos de textos com pouca ou nenhuma contribuição do autor; confiar em algo que a IA gerou pelo valor nominal; usar texto gerado por IA como substituto da investigação e do pensamento próprio. (Costa, 2024 *apud* Alberton, 2025, p. 65)

Essa distinção é fundamental para o contexto universitário, onde a fronteira entre o uso da IA como apoio à cognição e o uso como substituto do pensamento autônomo pode ser tênue e facilmente transgredida. O capítulo defende que o letramento crítico em IA deve ser incorporado como competência essencial na formação acadêmica, não como apêndice curricular, mas como dimensão transversal dos processos de ensino e aprendizagem.

A dimensão psicopedagógica também ocupa espaço de destaque na coletânea. O capítulo de Evely Marques de Oliveira e Eduardo Fofonca analisa os cenários futuros da Psicopedagogia diante da IA, argumentando que a convergência entre essas áreas representa mais do que uma simples atualização tecnológica: constitui um movimento que exige a reconfiguração das

práticas clínicas e formativas. Os autores articulam autores clássicos da Psicopedagogia, como Fernández (2001), Paín (1985) e Bossa (2019), com as possibilidades oferecidas pela IA para a personalização das intervenções e a análise de padrões cognitivos. Conforme salientam Oliveira e Fofonca (2025, p. 34):

> A evolução tecnológica contemporânea exige uma revisão dos paradigmas psicopedagógicos tradicionais. Como observa Bossa (2019), a prática psicopedagógica deve adaptar-se às novas formas de processamento da informação características da sociedade digital, sem, contudo, perder de vista a dimensão humana e relacional que fundamenta a intervenção psicopedagógica. A neuroplasticidade cerebral, conceito fundamental nas neurociências, ganha nova dimensão quando considerada em conjunto com as possibilidades oferecidas pela IA. A capacidade do cérebro humano de se reorganizar e formar novas conexões pode ser potencializada por sistemas inteligentes que oferecem estímulos tanto personalizados quanto adaptativos. (Oliveira; Fofonca, 2025, p. 34)

Essa articulação entre neurociência e IA é um dos momentos mais instigantes da coletânea, pois abre perspectivas que vão além do debate instrumental sobre ferramentas digitais, tocando em questões epistemológicas sobre a natureza do aprender e do intervir pedagogicamente.

A dimensão ética perpassa toda a coletânea, mas ganha contornos mais nítidos em dois capítulos específicos. O primeiro é o de Carla Cravo, que problematiza a aplicação da IA na educação, contrapondo seus benefícios prometidos aos riscos reais, especialmente em contextos de desigualdade como o brasileiro. A autora aborda questões de privacidade, vieses algorítmicos, exclusão digital e desumanização dos processos educativos, demonstrando que a adoção acrítica da IA pode reproduzir e ampliar as desigualdades já existentes. O segundo é o capítulo de Leandro Bianchini, que articula o conceito de Psicopolítica de Byung-Chul Han ao debate sobre educação algorítmica, problematizando como a aparente personalização das plataformas de IA pode mascarar mecanismos de controle, autoexploração e vigilância. A sensível percepção do autor aponta para formas de resistência pedagógica que preservem a autonomia dos sujeitos frente à lógica dos algoritmos.

Também merece destaque o capítulo dedicado à formação sensível e à gestão democrática na era da IA. Ancorado em Duarte Júnior (2000), o texto propõe que um docente sensível é aquele que reconhece a educação como experiência estética e humana. O capítulo convoca os gestores escolares a ressignificarem seu papel, assumindo o compromisso com ambientes colaborativos e inclusivos. Nessa perspectiva, a obra dialoga com o Relatório GEM/UNESCO (2024/25), que aponta ser a liderança educacional comprometida com a aprendizagem necessariamente colaborativa, intencional e sensível ao território. Conforme explicitado no capítulo:

> Como tecer coletivamente uma formação docente sensível e humanizada, articulada à gestão democrática, frente aos desafios da integração da inteligência artificial na educação? Conforme Duarte Júnior (2000), um docente sensível é aquele que reconhece a educação como experiência estética e humana, capaz de mobilizar não apenas dimensões cognitivas, mas também afetivas, éticas e criativas no processo de ensinar e aprender. Trata-se de um educador que, diante das complexidades sociais e tecnológicas, busca uma prática pedagógica pautada na escuta, na empatia e na valorização da experiência sensível dos sujeitos, compreendendo que educar não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve o cultivo da sensibilidade para o outro e para o mundo. (Capítulo 5, 2025, p. 75)

Esse chamado à sensibilidade pedagógica funciona como uma espécie de contraponto humanizador às tendências tecnicistas que frequentemente dominam o debate sobre IA na educação. É um dos momentos em que a coletânea mais se diferencia de publicações que abordam o tema de forma predominantemente instrumental.

Do ponto de vista crítico, a coletânea apresenta pontos fortes e algumas limitações que merecem ser registradas. Entre os primeiros, destacam-se a diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, o comprometimento ético que atravessa os capítulos e a relevância das temáticas abordadas para o contexto educacional brasileiro. A obra também se distingue por não ceder à tentação do entusiasmo tecnológico irrefletido, mantendo um olhar crítico e situado sobre as promessas e os riscos da IA. Como limitação, pode-se apontar que a amplitude temática, embora seja um dos pontos fortes da coletânea,

compromete em alguns momentos a profundidade das análises individuais, com capítulos que apresentam reflexões ainda em estágio exploratório. Além disso, a heterogeneidade nos níveis de maturidade acadêmica dos autores — esperada em uma obra que reúne mestrandos e doutores experientes — resulta em alguma desigualdade na densidade argumentativa entre os capítulos.

Em síntese, *Inteligência Artificial + Educação: práticas pedagógicas do tempo presente* constitui uma contribuição relevante e oportuna ao campo da Educação. Ao reunir perspectivas que vão da Psicopedagogia à ética algorítmica, da formação docente à escrita acadêmica, da Educação Infantil ao Ensino Superior, a obra oferece um mapa abrangente das questões que a IA coloca para a prática pedagógica contemporânea. Sua leitura é recomendada a educadores, pesquisadores, gestores e estudantes de pós-graduação em Educação que buscam não apenas apropriar-se das ferramentas digitais, mas compreendê-las criticamente, em suas dimensões éticas, políticas e pedagógicas. A coletânea cumpre, com mérito, seu objetivo de ser, nas palavras de seus organizadores, um farol para todos aqueles interessados em compreender e formar para o futuro da educação em um mundo em constante transição.

Referências:

FERREIRA, Ediene do Amaral; FOFONCA, Eduardo (org.). **Inteligência Artificial + Educação**: práticas pedagógicas do tempo presente. 1. ed. Curitiba/Itajaí: UTP/UNIVALI, 2025. E-book (PDF). Disponível em: https://tuiuti.edu.br/wp-content/uploads/2025/12/E-BOOK-IA-E-EDUCACAO-UTP-UNIVALI.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

Data de Recebimento: 18/06/2026
Data de Aprovação: 05/10/2026